

O trabalho doméstico feminino e a criação de valor: um debate na *New Left Review*

Isabella Oliveira Mendes - Faculdade de Ciências Econômicas/UFMG

Introdução e objetivos

O debate sobre o trabalho doméstico ganhou força na década de 1970 na esteira do ressurgimento dos movimentos organizados de mulheres por direitos no mundo capitalista central, onde o afluxo de mulheres casadas ao mercado de trabalho no período pós-guerra foi rápido e crescente. Para o marxismo, os problemas teóricos e práticos resultantes da emergência das mulheres trabalhadoras na esfera pública de debate e construção política deram nova dimensão às discussões em torno dos fundamentos formulação marxiana, colocando em discussão categorias basilares do pensamento marxista, como os conceitos de trabalho, valor e modo de produção, a teoria da exploração, entre outros. O trabalho que aqui se apresenta teve por objetivo revisitar esse debate a partir da interlocução, em uma sequência de artigos, entre Wally Seccombe (1974; 1975) e Coulson *et al* (1975) nas páginas do periódico britânico *New Left Review* em torno da criação ou não de valor pelo trabalho doméstico não remunerado.

Desenvolvimento

Contrapõem-se, nos artigos referenciados, duas posições básicas relativas à pertinência do arcabouço teórico marxiano para a compreensão do problema: a primeira, representada por Seccombe, que entende que as categorias marxianas originais apresentadas em *O Capital* seriam suficientes para apreender satisfatoriamente o papel do trabalho doméstico não remunerado na ordem capitalista. Para o autor, o trabalho doméstico produziria valor cristalizado na mercadoria força de trabalho (masculina) a ser vendida no mercado. Assim, a opressão das mulheres seria uma dupla opressão de classe cuja segunda dimensão seria dada pela não socialização do trabalho que lhes compete, subalternizando-as. Coulson *et al.*, por outro lado, defendem a autonomia da opressão feminina em relação à opressão de classe: apesar de o trabalho doméstico de fato contribuir para a produção da mercadoria força de trabalho, a mediação desse trabalho com o restante do produto social se daria pelo contrato de casamento e não pelo mercado, não podendo as condições privadas de sua produção, portanto, serem abstraídas na troca.

Conclusões

As posições descritas ilustram um contraponto de ideias que toma formas análogas em diversos momentos do debate sobre trabalho doméstico como um todo. É identificada na literatura como falta significativa no debate sobre o trabalho doméstico a relutância dos autores envolvidos em compreender os limites inerentes à análise puramente econômica da situação da mulher. Perdeu-se a oportunidade, naquele momento, de construção de uma teoria da opressão feminina dentro do campo marxista em favor de um debate economicista e excessivamente formalista, reduzindo-o à mera descrição da funcionalidade da opressão das mulheres para o modo capitalista de produção. Autoras como Coulson *et al.*, apesar de proporem essa leitura, também falharam em prover um esquema interpretativo que desse conta de outras dimensões da opressão feminina que não a privatização do trabalho doméstico. Tais limitações contribuíram para que o debate sobre o trabalho doméstico esmorecesse, em um primeiro momento, sem síntese. Entretanto, foi importante para lançar luz sobre os limites e possibilidades do arcabouço marxiano para a compreensão de manifestações complexas que sustentam a sociedade burguesa, ao mesmo tempo, ideológica e materialmente: a família nuclear e a ideia de superioridade masculina.

Referências principais

COULSON, Margaret; MAGAŠ, Branka; WAINWRIGHT, Hilary. 'The Housewife and her Labour under Capitalism'-a critique. *New Left Review*, n. 89, p. 59, 1975.

SECCOMBE, Wally. The housewife and her labour under capitalism. *New Left Review*, n. 83, p. 3, 1974.

_____. Domestic Labour: Reply to Critics (NLR 89). *New Left Review*, n. 94, p. 85, 1975.